

Por uma liderança em combate calcada nos valores militares brasileiros

*Maj R1 Edgley Pereira de Paula

“Porque, Sr. presidente, nos exércitos em campanha, logo depois dos primeiros combates, crea-se uma aristocracia de valor; e certos officiaes, e mesmo praças de pret adquirem pelos actos de coragem que praticam crédito de valentes; todos os outros os reconhecem como taes. Esses bravos dahi em diante continuam a ser olhados com reverênciapor seus companheiros.”

Duque de Caxias, em sessão do Senado de 15 de julho de 1870

As fadigas e as exaustões na guerra constituem duras provas que estão para além do campo puramente físico ou até mesmo psicológico do combatente em campanha. A história dos acontecimentos militares nos revela que os rigores que são exigidos do soldado no quotidiano das marchas e manobras militares possuem uma outra fundamental dimensão que sugere para a importância da identidade e do pertencimento a algo maior, mítico, que os motive a lutar.

Abro esta reflexão com uma fala em epígrafe do próprio Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Numa sessão do Senado do Império, logo após o fim da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), esse incontestável líder militar estava sendo questionado sobre sua conduta no comando das tropas brasileiras. Explicava o experimentado e velho general que, nas lides de combate, nas refregas e choques, surge uma “aristocracia de valor”, ou seja, um pequeno grupo de homens que, postos à prova, respondem diferentemente de outros, a quem ele chama de “bravos”.

* Edgley Pereira de Paula é major R1 do Quadro Complementar de Oficiais (QCO/História), da turma de 2004. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, está prestes a defender sua tese de doutoramento em História Contemporânea na Universidade de Coimbra, Portugal. Atua como consultor cultural e pesquisador em diversas instituições, inclusive na Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEEx, na qual é editor dos Cadernos de Liderança.



A coragem e a valentia certamente são importantes características desses indivíduos singulares e aqui passo a comentar sobre o personagem histórico do sargento Max Wolf Filho. Adestrado militar, integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao longo da Campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial, foi um exemplo de abnegação, destemor e intrepidez para os seus camaradas de armas que com ele conviveram e foram testemunhas oculares dos seus feitos durante diversas operações na frente de combate em constante contato com o inimigo nazifascista.

“

O sargento Max Wolf Filho foi um típico brasileiro do seu tempo. Nascido em Rio Negro, no interior do Paraná, membro de uma família simples de imigrantes, sentou praça no Exército no extinto 15º Batalhão de Caçadores, atual 20º Batalhão de Infantaria Blindado, sediado em Curitiba/PR. Integrando essa organização militar, participou da Revolução de 1930 e combateu os revoltosos paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1944, alistou-se voluntariamente para compor a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), criada para lutar nos campos de batalha da Europa. À época, Max Wolf estava servindo na polícia do Rio de Janeiro, então Capital Federal.

”

Foi designado para integrar a 1ª Companhia do 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria de São João d'El Rei/MG. Em terras italianas, logo se tornou popular entre a tropa, pelo destemor nas missões e a forma paternal de liderar seus subordinados. Já veterano, sua fama corria longe, tanto que era requisitado para todas as ações de patrulha do batalhão, o que lhe valeu a alcunha de “Rei dos Patrulheiros”.

Interessante verificar que a FEB, uma vez testada nos campos de batalha, foi se adaptando às novas técnicas e táticas da doutrina americana na qual estava inserida (IV Corpo do V Exército Americano), assim como às especificidades que os novos armamentos e o montanhoso terreno italiano impunham às tropas. Nessa perspectiva, no conceito do dia a dia da tropa brasileira, eram necessários três a quatro meses na linha de frente para que o “novato pracinha” se transformasse em um experiente combatente.



Era esse, em média, o tempo que os soldados julgavam adequado para se dominar completamente as artimanhas da guerra, como, por exemplo, distinguir os diferentes tipos de sibilos de granadas e o local mais provável de sua queda, das rajadas de metralhadoras inimigas, dos fogos luminosos de variadas cores, além do necessário controle psicológico quando em contato direto e mortal com o calejado inimigo. Some-se a isso o frio, o sono, as doenças, entre outras corriqueiras dificuldades de um perigoso ambiente de guerra.



FEB 75 anos





É nesse cenário que homens como o sargento Max Wolf Filho fazem a diferença com seu invulgar patriotismo, elevado espírito de corpo e de fé na missão, valores tão caros ao Exército Brasileiro. Nesse contexto, o coronel Adhemar Rivermar de Almeida, em suas memórias de guerra, relata vários casos em que figuram nosso personagem. Durante a guerra, Adhemar era um jovem capitão, oficial de operações do batalhão e, por isso, conviveu com Max Wolf em muitas ocasiões. Ele relata que, geralmente após os estudos tático-operacionais dos planos de patrulhas, que previam os itinerários, os postos avançados e as necessidades de alimentação e armamentos, Max Wolf o procurava e perguntava:

“— Capitão, qual é a minha?”



Admirador das façanhas de Max Wolf, o coronel ainda descreve as características peculiares de quem conviveu em vida com esse paladino brasileiro. Ressalta que sua conduta heroica não era

ocasional e vulgar, dessas em que o medo funde explosivamente a coragem e empurra o inconsciente homem à cova rasa, ou dessas em que o impulso do paroxismo o joga à mira de armas mortíferas, não o heroísmo que responde à loucura provocada pela insensatez – mas o heroísmo que resulta do ato do dever bem cumprido, da responsabilidade, da consciência do que está cumprindo.

Estamos falando de um homem possuidor de apurado código de honra e de ética militar.

“

As distinções alcançadas pelo sargento Max Wolf Filho podem ser atestadas pelas diversas citações e elogios formulados por seus comandantes diretos. Palavras fortes e emblemáticas, que revelam as virtudes desse valioso militar brasileiro.

”

Em uma dessas referências elogiosas, concedida pelo seu comandante de batalhão, datada de 13 de dezembro de 1944, no contexto dos sucessivos ataques e reveses que levaram posteriormente à conquista de Monte Castelo, consta que

(...) dentre essas praças desejo destacar o desassombro do 3º Sargento Wolf, que, todas as vezes que se apresenta uma missão perigosa, principalmente de patrulha, espontaneamente se oferece para fazer parte dela. Registro com satisfação essa particularidade do sargento Wolf, pela qual revela possuir noção perfeita de dever militar.

De fato, tais qualidades o elevaram ao comando de um pelotão de choque, integrado por homens de desmedidos atributos de combatente, especializado para as missões de patrulha, escolhidos um a um pelo próprio sargento Max Wolf Filho. Em tributo a sua memória, listo-os agora:

“PELOTÃO ESPECIAL”

3º Sargento Matias Júnior, de Minas Gerais;

Soldado Wagner Costa e Silva, de São Paulo;

Soldado José Mário Ribeiro, do Paraná;

Soldado Sergílio Joaquim de Souza, de Santa Catarina;

Soldado Benedito Gardino, de São Paulo;

Soldado Sebastião Augusto Ferreira, de Pernambuco;

Soldado Sérvulo Gomes da Silva, do Rio de Janeiro;

Soldado João Caetano Coura, de Minas Gerais;

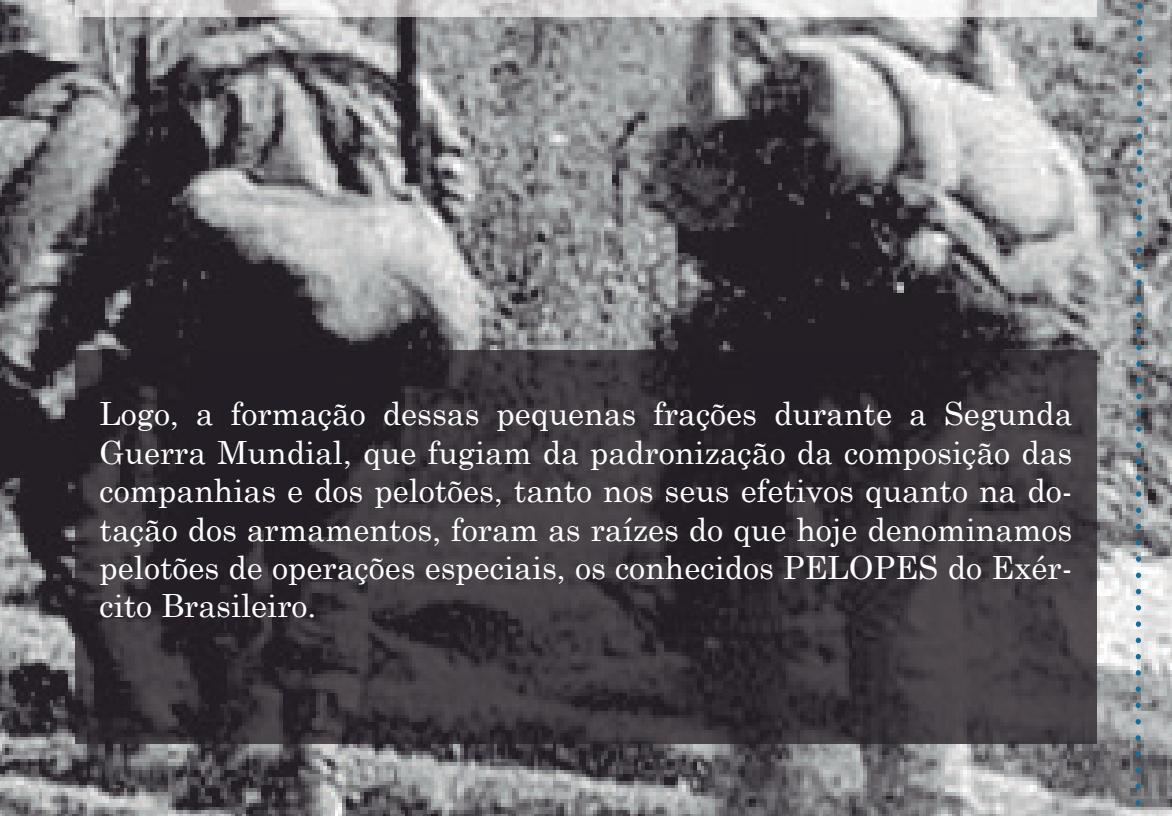
Soldado Armindo Cetto, de Santa Catarina;

Soldado Raul Constâncio Ferreira, de Santa Catarina;



A própria concepção desse pelotão, certamente feita inconscientemente pelo seu líder, é a cara da brasiliade em seu mais profundo aspecto multirracial e étnico. Não por acaso, esse grupo de militares formado pelo sargento Max Wolf Filho se chamava “Pelotão Especial”. Decerto, as próprias exigências da guerra fizeram com que surgissem essas pequenas unidades táticas singulares treinadas para infiltração nas linhas inimigas, em operações de reconhecimento, resgate, patrulhas e emboscadas.

Soldado Durval José de Souza, da Paraíba;
Soldado Antônio Manoel Raimundo, de Alagoas;
Soldado Afonso Inácio da Cruz, de Santa Catarina;
Soldado Benedito Vitalino, de Minas Gerais;
Soldado Waldemiro Militão da Costa, de Santa Catarina;
Soldado Pedro Silva, de Santa Catarina;
Soldado Florival Alves Ferreira, da Bahia;
Soldado Miguel Arcanjo, de Minas Gerais;
Soldado Pedro Nogueira, de Minas Gerais;
Soldado Jesualdo Cruz, de Minas Gerais e
Soldado Luiz Moura, de São Paulo.

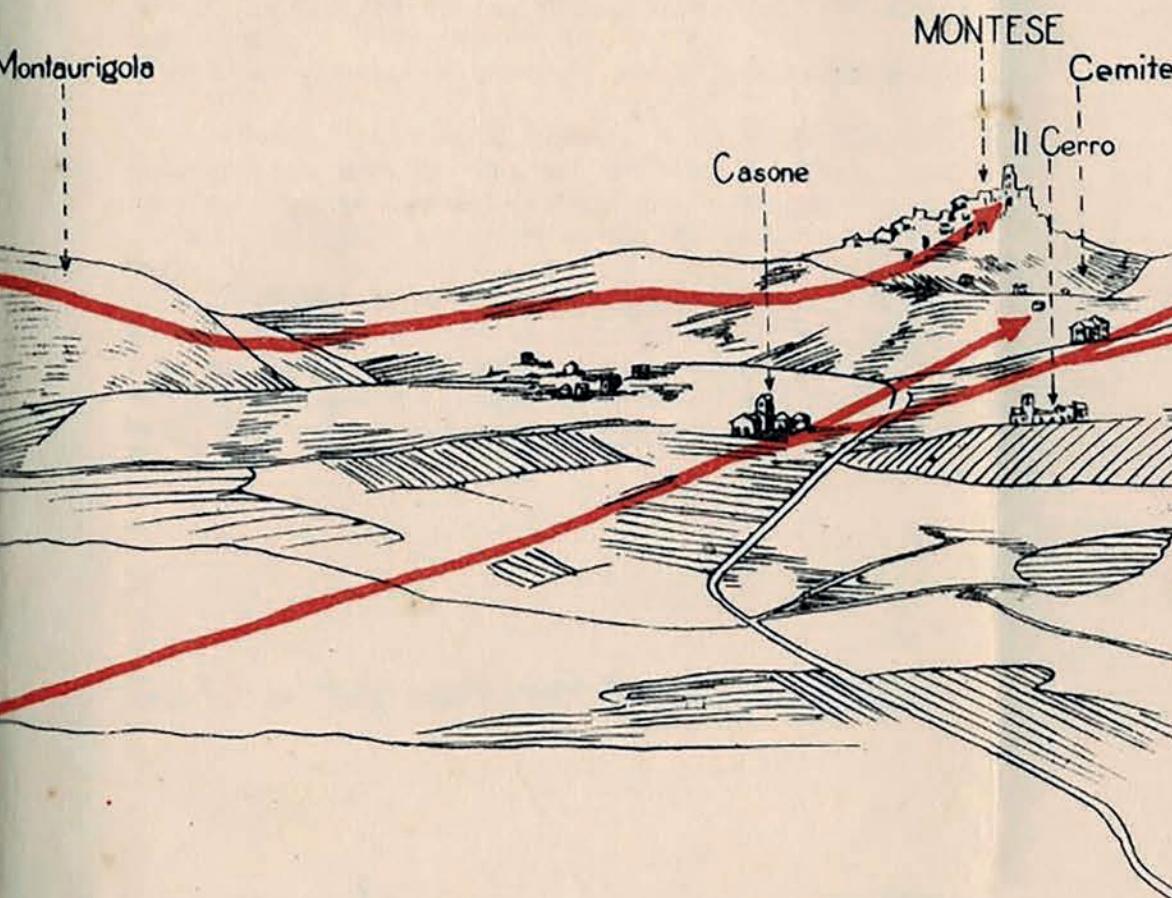


Logo, a formação dessas pequenas frações durante a Segunda Guerra Mundial, que fugiam da padronização da composição das companhias e dos pelotões, tanto nos seus efetivos quanto na doação dos armamentos, foram as raízes do que hoje denominamos pelotões de operações especiais, os conhecidos PELOPES do Exército Brasileiro.

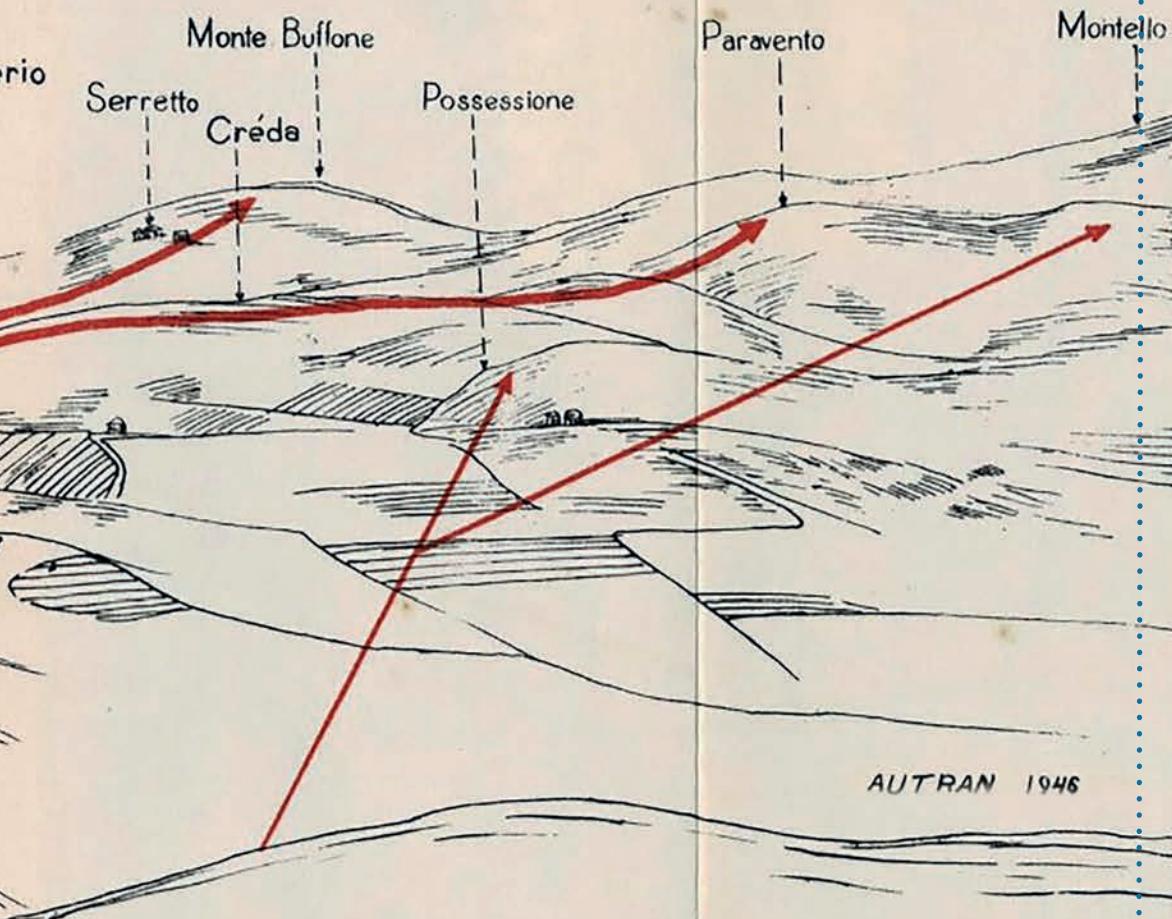




Cadernos de Liderança Militar



Infelizmente, a tragicidade humana que é uma guerra fez com que o sargento Max Wolf Filho, ao comandar, no dia 12 de abril de 1945, um reconhecimento ao ponto cotado 747, nas cercanias da vila de Monte se, tombasse mortalmente ferido pelas balas alemãs quando à testa de sua fração. Morreu como um valente poucos dias antes do fim do conflito em solo europeu.



Tentando resgatá-lo, em luta desesperada pelo corpo do seu comandante, pereceu também o soldado Alfredo Estevão da Silva e se feriram mais dois integrantes da patrulha. O nome do sargento Max Wolf, entretanto, estará sempre presente, porque as grandes ações resistem ao tempo e perduram por toda a eternidade.



A sua invariável conduta arrojada, grande intrepidez e elevado espirito ofensivo foram reconhecidos com as seguintes condecorações: Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Medalha Cruz de Combate de 1^a Classe, além da insígnia norte-americana “Bronze Star”.

Seus restos mortais repousam no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, na cidade do Rio de Janeiro. Seu nome batiza, ainda, organizações militares, como o 20º Batalhão de Infantaria Blindado, em Curitiba/PR, e a Escola de Sargento das Armas, em Três Corações/MG.

“

Por certo, é no necessário culto aos homens e às mulheres que deram suas vidas pela Pátria que se forja, continuamente, a cultura militar das Forças Armadas do Brasil. Rememorar a trajetória e os singulares feitos desses personagens históricos é o vínculo indispensável entre o passado e o presente de instituições seculares como o Exército Brasileiro. Trata-se do elo que leva à coesão de seus efetivos e o reconhecimento e o respeito da própria nação por seus militares.

”

Nessa perspectiva, a liderança militar, tal qual exemplificada no personagem histórico do sargento Max Wolf Filho, adquire características próprias que a diferem, em muitos aspectos, da liderança exercida em outros ambientes para além da caserna.

As exigências dos rigores da guerra apresentam-se ao comandante da tropa, ocasião em que o exercício da própria liderança se impõe, por questão de vida ou morte, para o cumprimento das missões mais difíceis e extenuantes dadas ao indivíduo que se coloca à frente dos seus comandados, levando ao combatente o firme propósito da motivação para o combate.

Referência

ALMEIDA, Adhemar Rivermar. *Montese: marco glorioso de uma trajetória*. Coleção General Benício. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1985.

Alessandria, Itália, 26 de Maio de 1945

Ilma. Sra. ETELVINA WOLFF

Respeitosos cumprimentos

Acabo de receber o vosso telegrama em que me solicitais informações sobre o vosso filho, segundo sargento Max Wolff.

Sou, verdadeiramente consternado, que vos participo que o vosso filho, quasi ao terminar a guerra, tombou como um verdadeiro bravo em defesa do nosso querido Brasil.

Podeis, dele, vos orgulhar. Ninguem o ultrapassou em lealdade, despreendimento, destemor e espírito de sacrifício. Fedia, a milha, para ser incluído nas patrulhas que, altas horas da noite, iam em busca do contato com o inimigo. Portava-se, sempre, como um verdadeiro soldado. Nada o demovia do cumprimento do dever: nem o frio inclemente, nem o inimigo rancoroso e destemido. Dentre as Citações de Combate, conferidas a vários Oficiais e Praças, a sua se projetará na história da nossa Pátria.

Apresentando-vos, pois, em meu nome e da Infantaria Expedicionária, as nossas sinceras condolências, eu vos afirmo que o vosso querido filho, à semelhança dos Pinheiros da vossa Terra Natal, viveu, pelas suas qualidades morais, sempre na vertical e caiu deixando um vazio cheio de saudades entre os componentes da Força Expedicionária Brasileira.

Gen. Euclides Zenóbio da Costa

Gen. Euclides Zenóbio da Costa

CARTA ENVIADA À MÃE DO SGT MAX WOLF FILHO COMUNICANDO SEU FALECIMENTO

Alessandria, Italia, 26 de Maio de 1945
Ilma. Sra. ETELVINA WOLFF
Respeitosos cumprimentos

Acabo de receber o vosso telegrama em que me solicitais informações sobre o vosso filho, segundo sargento Max Wolff.

É, verdadeiramente contristado, que vos participo que o vosso filho, quase ao terminar a guerra, tombou como um verdadeiro bravo em defesa do nosso querido Brasil.

Podeis, dele, vos orgulhar. Ninguém o ultrapassou em lealdade, desprendimento, destemor e espírito de sacrifício. Pedia, amiúde, para ser incluído nas patrulhas que, altas horas da noite, iam em busca do contato com o inimigo. Portou-se, sempre, como um verdadeiro soldado. Nada o demovia do cumprimento do dever: nem o frio inclemente, nem o inimigo rancoroso e destemido. Dentre as citações de combate, conferidas a vários oficiais e praças, a sua se projetará na história da nossa Pátria.

Apresentando-vos, pois, em meu nome e da Infantaria Expedicionária, as nossas sinceras condolências, eu vos afirmo que o vosso pranteado filho, à semelhança dos pinheiros de vossa terra natal, viveu, pelas suas qualidades morais, sempre na vertical e caiu deixando um vazio cheio de saudades entre os componentes da Força Expedicionária Brasileira.

Gen Euclides Zenobio da Costa

